

A suave voz do sexo: uma análise dos discursos sobre a sexualidade no jornal feminista *Mulherio* e na grande mídia

(La douce voix du sexe: une analyse du discours sur la sexualité dans le journal féministe *Mulherio* et dans le grand média)

Juliane de Araujo Gonzaga¹, Vanice Sargentini²

¹ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

² Centro de Educação e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

gonzagajuliane@gmail.com, sargentini@uol.com.br

Résumé: Dans cet article, on propose d’analyser discursivement un texte publié dans le journal féministe *Mulherio* (CORRÊA, 1981), qui interroge sur la façon dont le magazine *Capricho* légitime des modèles de normalité et d’anormalité appliqués aux formes de l’organe sexuel féminin. Nous avons pour objectifs de décrire les règles de formation du discours, d’analyser les effets de sens issus des positions-sujets dans ces médias et d’interpréter les procédés de subjectivation du langage d’un point de vue historique. L’outil théorique qui conduira ce travail est celui de l’Analyse du Discours française, en particulier certaines présuppositions, quelques propositions de M. Foucault et J.-J. Courtine, dont la méthodologie d’analyse se sert des conditions historiques d’émergence des énoncés pour décrire les règles de formation des discours et les possibles positions du sujet.

Mots-clés: discours; sexualité; féminisme.

Resumo: Neste artigo, propomos analisar discursivamente matéria publicada pelo jornal feminista *Mulherio* (CORRÊA, 1981), que questiona como a revista *Capricho* legitima padrões de normalidade e anormalidade para as formas do órgão sexual feminino. Nossos objetivos são descrever as regras de formação dos discursos, analisar os efeitos de sentido resultantes das posições-sujeito nesses veículos, e interpretar os processos de constituição do sujeito na linguagem por viés histórico. O aparato-teórico que conduzirá este trabalho é o da Análise do Discurso francesa, mais especificamente, alguns pressupostos de M. Foucault e J.-J. Courtine, cuja metodologia de análise parte das condições históricas de emergência dos enunciados para descrever as regras de formação dos discursos e as possíveis posições do sujeito.

Palavras-chave: discurso; sexualidade; feminismo.

Considerações iniciais

Neste artigo, propomos analisar uma matéria produzida pelo jornal feminista *Mulherio*, que trata exclusivamente do papel da mídia na proliferação de saberes sobre a sexualidade feminina no Brasil na década de 1980. Em um período marcado pelas movimentações da abertura política, as feministas tiveram mais possibilidades de manifestar-se, bem como de aliar suas “lutas específicas” às “lutas gerais” pela anistia e pela redemocratização (PINTO, 2003). À medida que a conjuntura política se modificava, também os costumes, a cultura e a sociedade encaminhavam para formas mais flexíveis de pensar e expressar aspectos da vida privada. Dentre as questões subjetivas, emergiam com mais força as problemáticas privadas das mulheres, que adquiriam o tom “o pessoal é político” (COSTA, 2005, p. 2).

No início da década, surgiu o jornal *Mulherio*, uma nova imprensa feminista¹ que abordou a questão da mulher para as mulheres em geral, expondo suas lutas específicas e atentando para problemáticas da vida privada (contracepção, aborto, casamento, sexo, prazer, etc.). O *Mulherio* foi produzido por jornalistas e pesquisadoras da área de ciências humanas da Fundação Carlos Chagas, de 1981 a 1988, totalizando 38 volumes. Ainda que produzido a partir da academia, expôs temas relacionados ao comportamento, ao corpo e à sexualidade, temas que, segundo Corrêa (2001), passaram a ter mais importância no debate feminista devido às possibilidades e às transformações no cenário político e social da época.

De acordo com Pinto (2003), questões ligadas ao comportamento, aos movimentos de liberalização do corpo e ao exercício da sexualidade desvinculada da reprodução fizeram com que problemáticas específicas do sexo se tornassem temas de discussão no feminismo que se organizou nos anos 1980. Por outro lado, a questão da sexualidade também entrou em pauta na grande mídia da época,² que criou formatos diversos para falar de educação sexual e prazer de forma aberta para as mulheres. E é a partir dessas duas formas de colocar em discurso a sexualidade feminina que encontramos a principal motivação deste trabalho: demonstrar que a sexualidade na grande mídia e no *Mulherio* é enunciada de maneiras diferentes.

Assim, nosso objetivo principal é evidenciar a existência de regras distintas na organização, circulação e produção desse objeto – a sexualidade feminina – em dados veículos de comunicação naquele período específico. Para analisar esses discursos mobilizaremos o método arqueológico de Michel Foucault (2012 [1969]), que se volta para as condições históricas de emergência e formação dos discursos, e a noção de memória discursiva de Jean-Jacques Courtine (2009), que permite entrever os movimentos de retorno, atualização ou transformação dos sentidos. Desta feita, destacamos os seguintes objetivos específicos: (i) demonstrar o funcionamento polêmico e antagônico dos discursos produzidos pelo *Mulherio* em relação aos da revista *Capricho*; (ii) identificar efeitos de sentido ligados ao poder e às posições enunciativas ocupadas pelos sujeitos; (iii) descrever as regras de formação dos discursos a partir das condições históricas de produção; (iv) evidenciar o papel da interdiscursividade nos modos de organização e circulação desses discursos na década de 1980.

Este artigo é uma ramificação de minha pesquisa de mestrado,³ orientada por Vanice Sargentini, que contribuiu fortemente para a metodologia de análise aqui adotada.

¹ Conforme assinala Leite (2003), os primeiros jornais feministas criados no país foram o *Brasil Mulher* (1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978). Esses jornais surgiram no momento em que o movimento feminista brasileiro retomava suas atividades, motivado pelo lançamento da Década Internacional da Mulher pela ONU em 1975. Em virtude do regime militar, esses jornais caracterizavam-se por temas também associados às lutas gerais, tais como a anistia dos exilados políticos e o processo de redemocratização.

² A Rede Globo incluiu no programa TV Mulher (1980-1986) o quadro “Comportamento sexual”, comandado por Martha Suplicy, que tratava de educação sexual para as mulheres. Além disso, havia algumas revistas impressas que, na época, principiavam a falar abertamente sobre sexualidade da mulher, como as revistas *Capricho* e *Carícia* por exemplo (MORAES, 1985 apud GARCIA, 2004, p. 136).

³ E aqui faço referência à dissertação *A suave voz do sexo: as mutações no discurso da sexualidade no jornal Mulherio (1981-1988)*, defendida em 2014 pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, com apoio da Capes.

Incluída na seção “A sexualidade no *Mulherio* e na grande mídia”⁴ da dissertação, a análise que desenvolveremos neste artigo se volta para matéria produzida pelo jornal em 1981, em que há demarcação da posição feminista em relação à revista *Capricho* quanto ao tamanho e à anatomia do órgão sexual feminino. Naquela época, o tema era considerado tabu e até mesmo objeto de normatizações, o que nos leva à hipótese de que os discursos produzidos no jornal *Mulherio* funcionaram como pontos de resistência às práticas de objetivação e às técnicas de biopoder. Visto que o domínio da sexualidade é habitado por relações de poder, cujas técnicas e estratégias centram-se tanto na constituição dos sujeitos quanto na disciplina e normalização dos corpos, este trabalho pode contribuir para a compreensão das práticas discursivas de “política do sexo” que irromperam no Brasil nos anos 1980.

Entre a língua e a história: o discurso e o sujeito

A Análise do Discurso (doravante AD) trabalha a espessura semântica da linguagem considerando as relações entre língua e história. Para tanto, a AD leva em conta a materialidade da linguagem e sua não transparência, além da impossibilidade de acesso a um sentido escondido “por trás do texto”.

Analisar sentidos está no cerne dos mecanismos e dos processos de significação, isto é, na materialidade linguística, no funcionamento e na historicidade dos discursos. A AD é a disciplina que se ocupa do trabalho de descrição e interpretação dos sentidos, “trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (ORLANDI, 2008, p. 21).

Analisar discursos tendo em vista a materialização da história na linguagem relaciona-se à proposta de discurso enquanto estrutura e acontecimento. Assim, os trabalhos de AD evidenciam a articulação daquilo que é da ordem da língua e da ordem da história. O discurso se dá no encontro da estrutura (linguagem) e do acontecimento (história) (PÊCHEUX, 2006).

Os acontecimentos históricos servem de exterioridade constitutiva para a língua, que serve de suporte material para esses processos. Com isso, o discurso é determinado pelos movimentos da história e os sentidos não são fixos como se fossem a “essência das palavras” (GREGOLIN, 2007, p. 20). Analisar discursos é muito mais que interpretar enunciados, é inserir-se na história para compreender as regras de formação e as condições que possibilitaram a irrupção dos discursos numa determinada época e num dado lugar.

Nessa tarefa, é preciso identificar os vestígios deixados pela rede dos discursos que envolvem os sentidos, de modo a percorrer uma trilha de discursos anteriores. E é no sentido dessa trilha que a análise dos discursos verifica a existência de uma *rede interdiscursiva de formulação*, ou seja, a existência de um conjunto de formulações já produzidas e que possibilitam os movimentos dos dizeres (COURTINE, 2009, p. 90). Esse conjunto de formulações já ditas é o que se denomina *interdiscurso*, ou seja, o que condiciona a produção dos discursos, uma vez que são as relações entre eles que permitem retornos, atualizações ou transformações de sentidos (COURTINE, 2009).

⁴ Essa seção encontra-se no terceiro capítulo da dissertação já referida (GONZAGA, 2014, p. 146-173).

Nesse sentido, pensamos a interdiscursividade como uma rede de relações de sentidos históricos, que está imersa num domínio coletivo e social: a memória discursiva. O conceito de memória discursiva é proposto por Courtine para compreender como os retornos, as transformações e os silenciamentos se relacionam com a história. Assim, o autor define: “a noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas” (COURTINE, 2009, p. 106).

A irrupção de formulações, já existentes em um determinado domínio de memória, forma um conjunto de sequências discursivas que coexistem numa conjuntura histórica específica, o que corresponde ao *domínio de atualidade* de formulações anteriores. O domínio de atualidade inscreve as formulações na *instância do acontecimento* dos enunciados, o que “confere a suas relações o efeito de uma lembrança ou de uma refutação imediatas de formulações presentes em sequências discursivas que se respondem” (COURTINE, 2009, p. 112).

E é ao pensar na existência histórica dos enunciados – e, por conseguinte, pensar o enunciado como materialização dos discursos – que nos voltamos para a postura arqueológica de análise dos discursos, conforme propõe M. Foucault, em *A arqueologia do saber* (2012 [1969]). Essa metodologia de análise implica compreender a formação dos discursos e descrever as condições e as características do “solo histórico” no qual emergem os enunciados. Nos dizeres de Foucault, o enunciado mantém uma relação contínua com outros enunciados, o que configura uma rede de memória e um campo de atualização:

[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por “contexto” – real ou verbal –, isto é, do conjunto dos elementos de situação ou de linguagem que motivam uma formulação e lhe determinam o sentido. (2012 [1969], p. 118)

A possibilidade de descrever um enunciado se relaciona com sua localização em uma posição determinada em um jogo enunciativo. Analisar o enunciado permite identificar suas relações com o passado e suas possíveis relações com o futuro. Os sentidos do enunciado não são evidentes nem transparentes, de modo que para descrevê-los é preciso investigar a rede verbal, o jogo discursivo. O enunciado só pode ser apanhado na trama complexa de produção dos sentidos, o que demonstra a relação do funcionamento enunciativo e a memória em uma sociedade.

Para dar coerência ao enunciado, o sujeito enunciador mobiliza, a partir do interdiscurso, objetos que serão dispostos horizontalmente no nível sintático ou, melhor dizendo, no *intradiscurso*. Desse modo, uma sequência discursiva é produzida a partir da relação entre o interdiscurso (nível vertical/formulações possíveis) e o intradiscurso (nível horizontal/organização sintática do enunciado), por um sujeito enunciador (COURTINE, 2009).

Já a inscrição do sujeito no enunciado se dá pela posição que ele pode ocupar nesse lugar de enunciação, considerando as condições históricas de emergência da sequência discursiva. A posição-sujeito é, então, determinada pela relação entre os acontecimentos históricos e a materialidade; constitui-se pelas possibilidades de ocupar um determinado lugar, numa conjuntura dada, e pelas regras de enunciabilidade que regulam a formação dos enunciados.

Segundo Foucault (2012 [1969]), não importa investigar o que o sujeito quis dizer, mas sim as posições que ele ocupa considerando as condições históricas de produção dos enunciados. O sujeito ocupa possíveis posições de subjetividade que evidenciam e determinam o que ele diz. O sujeito é efeito, portanto, das possibilidades e das condições históricas, pois determinam qual o lugar a ser ocupado por ele.

A análise dos “solos históricos” em que emergem os enunciados pode nos conduzir aos efeitos do discurso nas relações entre os sujeitos. O sujeito está imerso nas relações de poder, porque não faz o que bem lhe apetece fazer, e sim aquilo que *pode*, aquilo que lhe *é permitido* fazer, considerando sua posição ocupada numa determinada sociedade (FOUCAULT, 1996). Nessa espécie de malha do poder, entrevemos microlutas constantes entre os sujeitos. São lutas estratégicas que movem e modificam suas posições, manobras de resistência que lhe permitem romper determinadas relações, instaurando outras em seu lugar. Por isso falar de lutas cotidianas e movência dos sujeitos: as relações de poder estão em constante transformação, seja pelos movimentos de resistência, seja pela mobilidade dos saberes que as sustentam (FOUCAULT, 1995).

E é justamente nesse sentido que, para a Análise do Discurso, interessa estudar as relações de poder; para compreender as posições ocupadas pelos sujeitos nessas relações e o modo como tais posições participam da rede de poderes. A posição-sujeito, num enunciado, pode ser compreendida como possibilidade, entre outras, de constituir-se como sujeito e de imprimir marcas de subjetividade (FERNANDES, 2011, p. 4). Conforme já assinalado, a posição do sujeito não é fixa, e sim mutável, portanto efeito de mobilidades históricas que condicionam e determinam as posições possíveis a serem ocupadas. Se os acontecimentos históricos são determinantes para a organização de lugares, para as possibilidades de posição para o sujeito, podemos dizer, baseando-se nessa microfísica, que o sujeito é histórico.

E é a partir desse pressuposto, de que o sujeito é histórico, que Foucault (1995) propõe investigar os modos como o ser humano torna-se sujeito na sociedade. Para o autor são os modos de “objetivação” que transformam os seres humanos em sujeitos, uma vez que é na condição de objeto a ser detalhado e explicado que o sujeito assume uma forma. Como exemplo desses modos de objetivação, Foucault cita: a objetivação do sujeito do discurso na gramática e na linguística; a objetivação do sujeito produtivo, sujeito que trabalha, no interior das análises econômicas; a objetivação do sujeito enquanto ser vivo na história natural ou na biologia (1995, p. 231).

Outro modo de objetivar o sujeito é atribuir-lhe uma classificação, considerando sua forma em relação às dos demais. É o que Foucault denomina “práticas divisoras”, isto é, práticas nas quais o “sujeito é dividido em relação aos outros”, como, por exemplo, “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os bons meninos” (1995, p. 231).

Ademais, o ser humano torna-se sujeito pela possibilidade de constituir-se como sujeito de sua sexualidade, melhor dizendo, a partir do reconhecimento de sua sexualidade. Logo, ao confessar, detalhar, explicar sua sexualidade, tendo em vista as condições históricas e as possibilidades, o indivíduo atribui a si mesmo uma forma, constituindo-se como sujeito de sua própria sexualidade (FOUCAULT, 1995). A constituição do sujeito, nessas condições, tem a ver com o exercício do poder sobre o indivíduo, poder que “liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os

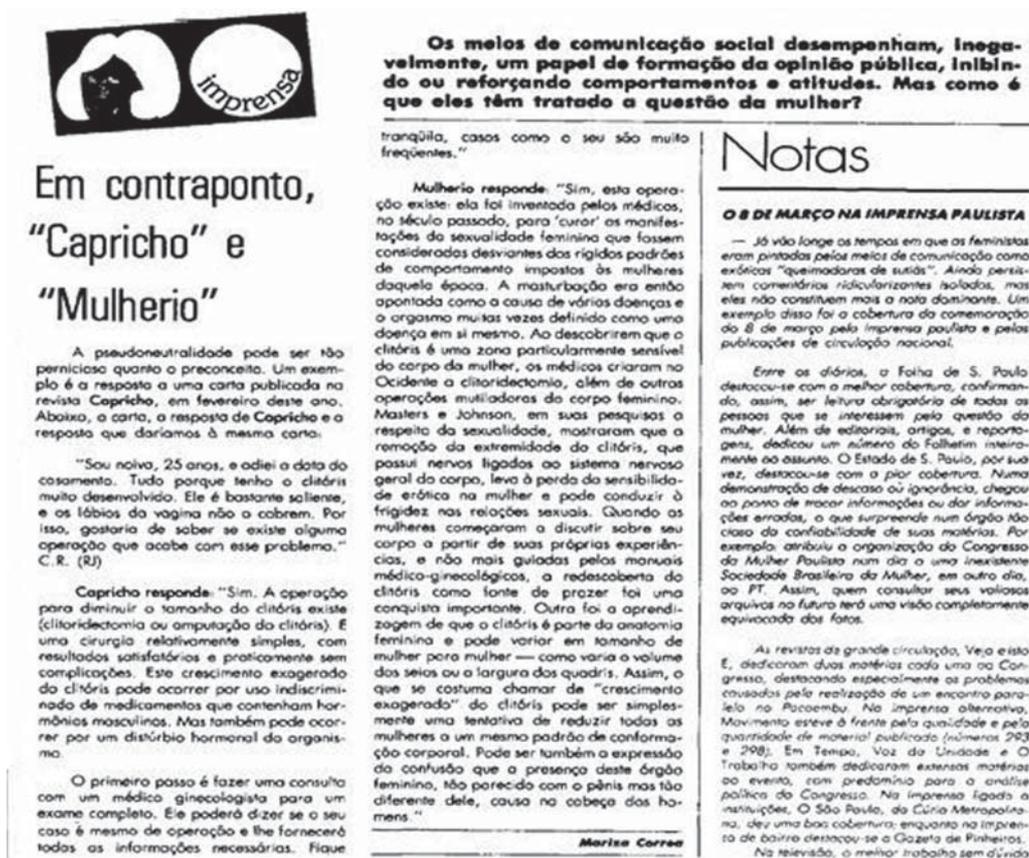
outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Assim, a palavra sujeito pode ser compreendida de duas formas: “sujeito a alguém pelo controle e dependência” ou, ainda, “preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Tanto as práticas de objetivação quanto as de subjetivação implicam formas de poder, pois subjagam e tornam os indivíduos sujeitos *a alguém* ou *a si mesmos*.

Os pressupostos teóricos aqui traçados demonstram uma relação intrínseca entre a língua, a história, o discurso e o sujeito. E é nesse sentido, evidenciado o papel da história na formação dos discursos, bem como nas formas de constituição do sujeito, que se orientará nossa análise. Na próxima seção, veremos como as condições históricas da década de 1980 determinaram as formas atribuídas ao sexo feminino no jornal feminista *Mulherio* e na revista *Capricho*.

A sexualidade feminina no jornal *Mulherio* e na revista *Capricho*

Nesta seção, analisaremos alguns enunciados produzidos na matéria intitulada “Em contraponto, ‘Capricho’ e ‘Mulherio’”, assinada pela pesquisadora Mariza Corrêa (1981, p. 14), em que o jornal pretende expressar seu posicionamento em relação ao tema da sexualidade e às grandes mídias na divulgação desses saberes.



Os meios de comunicação social desempenham, Inegavelmente, um papel de formação da opinião pública, inibindo ou reforçando comportamentos e atitudes. Mas como é que eles têm tratado a questão da mulher?

tranquila, casos como o seu são muito frequentes.”

Mulherio responde: “Sim, esta operação existe: ela foi inventada pelos médicos, no século passado, para ‘curar’ as manifestações da sexualidade feminina que fossem consideradas desviantes dos rígidos padrões de comportamento impostos às mulheres daquela época. A masturbação era então apontada como a causa de várias doenças e o orgasmo muitas vezes definido como uma doença em si mesmo. Ao descobrirem que o clítoris é uma zona particularmente sensível do corpo da mulher, os médicos criaram no Ocidente a clitoridectomia, além de outras operações mutiladoras do corpo feminino. Masters e Johnson, em suas pesquisas a respeito da sexualidade, mostraram que a remoção da extremidade do clítoris, que possui nervos ligados ao sistema nervoso geral do corpo, leva à perda da sensibilidade erótica na mulher e pode conduzir à frigidez nas relações sexuais. Quando as mulheres começaram a discutir sobre seu corpo a partir de suas próprias experiências, e não mais guiadas pelos manuais médico-ginecológicos, a redescoberta do clítoris como fonte de prazer foi uma conquista importante. Outra foi a aprendizagem de que o clítoris é parte da anatomia feminina e pode variar em tamanho de mulher para mulher — como varia o volume das seios ou a largura dos quadris. Assim, o que se costuma chamar de “crescimento exagerado” do clítoris pode ser simplesmente uma tentativa de reduzir todos as mulheres a um mesmo padrão de conformação corporal. Pode ser também a expressão da confusão que a presença deste órgão feminino, tão parecido com o pênis mas tão diferente dele, causa na cabeça dos homens.”

Capricho responde: “Sim. A operação para diminuir o tamanho do clítoris existe (clitoridectomia ou amputação do clítoris). É uma cirurgia relativamente simples, com resultados satisfatórios e praticamente sem complicações. Este crescimento exagerado do clítoris pode ocorrer por uso indiscriminado de medicamentos que contenham hormônios masculinos. Mas também pode ocorrer por um distúrbio hormonal do organismo.

O primeiro passo é fazer uma consulta com um médico ginecologista para um exame completo. Ele poderá dizer se o seu caso é mesmo de operação e lhe fornecerá todas as informações necessárias. Fique

Notas

08 DE MARÇO NA IMPRENSA PAULISTA

— Já vão longe os tempos em que as feministas eram pintadas pelos meios de comunicação como exóticas “queimadoras de suídas”. Ainda persistem comentários ridicularizantes isolados, mas eles não constituem mais a nota dominante. Um exemplo disso foi a cobertura da comemoração do 8 de março pela imprensa paulista e pelas publicações de circulação nacional.

Entre os diários, a Folha de S. Paulo destacou-se com a melhor cobertura, confirmando, assim, ser leitura obrigatória de todas as pessoas que se interessam pela questão da mulher. Além de editoriais, artigos, e reportagens, dedicou um número do Folhetim inteiramente ao assunto. O Estado de S. Paulo, por sua vez, destacou-se com a pior cobertura. Numa demonstração de desleixo ou ignorância, chegou ao ponto de trocar informações ou dar informações erradas, o que surpreende num órgão tão cioso da confiabilidade de suas matérias. Por exemplo, atribuiu a organização do Congresso da Mulher Paulista num dia o uma inexistente Sociedade Brasileira da Mulher, em outro dia, ao PT. Assim, quem consultar seus valiosos arquivos no futuro terá uma visão completamente equivocada dos fatos.

As revistas de grande circulação, Veja e Isto É, dedicaram duas matérias cada uma ao Congresso, destacando especialmente os problemas causados pela realização de um encontro paralelo no Picoembu. Na imprensa alternativa, Movimento esteve à frente pela qualidade e pela quantidade de material publicado (números 293 e 298). Em Tempo, Voz da Unidade e O Trabalho também dedicaram extensas matérias ao evento, com predomínio para a análise política do Congresso. Na imprensa ligada a instituições, O São Paulo, do Cúria Metropolitana, deu uma boa cobertura; enquanto na imprensa de bairro destacou-se a Gazeta de Pinheiros. Na televisão, o melhor trabalho sem dúvida

Mariza Corrêa

Figura 1. *Mulherio*, v. 1, 1981, p. 14.

Atentando inicialmente para a diagramação dos enunciados, vemos que a matéria é publicada em um espaço demarcado no canto superior esquerdo com o termo “imprensa”.⁵

Além disso, destacamos que a matéria principal está disposta abaixo de um enunciado em destaque que introduz o tema [Os meios de comunicação social desempenham, inegavelmente, um papel de formação da opinião pública, inibindo ou reforçando comportamentos e atitudes] e ao lado de uma nota que comenta os modos de divulgação do “8 de março” na imprensa paulista.

As duas matérias abordam, então, o papel de outras mídias na divulgação de saberes específicos, e produzem discursos que questionam essas práticas. Em função do tema proposto, nossa análise se centrará na matéria principal que compara os pontos de vista da revista *Capricho* e do jornal *Mulherio* sobre a “questão da mulher”.⁶

Observemos, inicialmente, alguns enunciados que antecedem o “contraponto” entre os dois veículos.

- (01) Em contraponto, *Capricho* e *Mulherio*: a pseudoneutralidade pode ser tão perniciosa quanto o preconceito. Um exemplo é a resposta a uma carta publicada na revista *Capricho*, em fevereiro deste ano.

No enunciado (01), a posição ocupada pelo sujeito – o sujeito fala a partir de um jornal feminista – permite a assertiva de que os meios de comunicação social participam da formação da opinião pública e, mais, que, em função do lugar que ocupam socialmente, têm a possibilidade de “inibir” ou de “reforçar” atitudes e comportamentos. Considerando o emprego do advérbio “inegavelmente”, podemos interpretar o conteúdo do enunciado como um saber que já nos é dado, portanto prática já compartilhada, que determina efeitos de sentido. Tratando-se de um jornal *feminista*, podemos interpretar a posição ocupada pelo sujeito como um lugar histórico que materializa uma série de lutas e acontecimentos anteriores, produtores de discursos combativos a práticas conservadoras em relação às mulheres. Junta-se a isso o papel da mídia de modo geral na formação das práticas discursivas, cuja posição se insere de forma dispersa nas relações entre os sujeitos e nas formas de interpretar os acontecimentos do cotidiano. Essas constatações nos levam ao funcionamento do discurso, pois evidencia os efeitos de sentido resultantes das posições do sujeito e o caráter polêmico do discurso. Assentamos, assim, nossa compreensão da ordem discursiva: todo discurso é organizado, selecionado e redistribuído conforme os procedimentos de controle e a posição ocupada por seu sujeito (FOUCAULT, 1996).

Sobre o funcionamento dos discursos da mídia podemos dizer que são marcados por relações de saber-poder, que se articulam e definem quem pode falar a partir desse lugar, o que é determinante para a produção dos sentidos. O enunciado (01) evidencia,

⁵ É importante ressaltar que essa não é uma seção permanente do jornal. A demarcação “imprensa”, apesar disso, é significativa, pois imprime na materialidade linguística as relações de alteridade entre o *Mulherio* e as demais mídias na época, o que colabora para a constituição do sujeito que enuncia a partir de um lugar específico, a imprensa feminista.

⁶ A chamada da matéria expressa linguisticamente “a questão da mulher”, dando um tom mais generalizante à discussão que Corrêa promove. Entretanto, a matéria elucidará, posteriormente, que tratará das distintas formas do órgão sexual feminino – o clitóris – e suas regras de aceitação na sociedade.

nesse sentido, o caráter polêmico do discurso na oposição marcada entre *Capricho* e *Mulherio*. O “contraponto” entre os dois veículos dá a ver posições antagonistas, assim como estratégias e determinações discursivas distintas. E é a partir dessa oposição que podemos verificar no enunciado uma relação de alteridade, que contribui para a constituição dos sujeitos implicados na enunciação.

Dessa forma, podemos identificar uma alteridade representada “pela qual o dizer, reflexivamente, pelas formas observáveis, dá lugar nele mesmo a emergências desses dois outros” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 7). Assim, a representação marcada do *Outro* permite relacioná-lo a dizeres anteriores e, por conseguinte, faz emergir suas posições no interdiscurso, na exterioridade discursiva dos já-ditos possíveis de atualização no interior do enunciado.

Visto que o sujeito não é a fonte nem a origem de seu dizer, e sim “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”, (FOUCAULT, 2012 [1969], p. 115), observarmos que o sujeito do enunciado assume uma determinada posição no jornal *Mulherio*, situando-se em lugar distinto daquele ocupado na enunciação pela revista *Capricho*. A partir dessa oposição, o sujeito atribui ao *Outro* um discurso marcado por uma “pseudoneutralidade”, cujos efeitos são “perniciosos” e “preconceituosos”.

Assim, podemos identificar uma relação do tipo [Se *Capricho* é *x*, *Mulherio* é *y*], que pode ser compreendida da seguinte maneira: se a *Capricho* é pseudoneutra, e por isso perniciosa e preconceituosa, o *Mulherio* não imprime neutralidade em seus discursos, não sendo pernicioso nem preconceituoso. Ainda os efeitos de sentido: a “neutralidade” produz objetos negativos, disfóricos. Ao assumir a não neutralidade do discurso, *Mulherio* se posiciona antagonicamente a esses “perigos”, constituindo-se, portanto, como lugar que exprime certeza e características positivas.

Vejamus sequências discursivas que manifestam a posição dos dois veículos em relação a um tema específico. Uma delas emerge na revista *Capricho*, sob a forma de resposta à carta de uma leitora, que pergunta sobre a existência de alguma cirurgia que diminua o tamanho do órgão sexual feminino, o clitóris; isso porque a leitora mostra inquietação por ter um clitóris “muito desenvolvido” e “bastante saliente”. Em seguida, observemos a resposta produzida pelo jornal *Mulherio* para a mesma questão. Sequências discursivas (02) e (03):

- (02) *Capricho* responde: “Sim. A operação para diminuir o tamanho do clitóris existe (clitoridectomia ou amputação do clitóris). É uma cirurgia relativamente simples, com resultados satisfatórios e praticamente sem complicações. Este crescimento exagerado do clitóris pode ocorrer por uso indiscriminado de medicamentos que contenham hormônios masculinos. Mas também pode ocorrer por um distúrbio hormonal do organismo.
- (03) *Mulherio* responde: “Sim, esta operação existe: ela foi inventada pelos médicos, no século passado, para ‘curar’ as manifestações da sexualidade feminina que fossem consideradas desviantes dos rígidos padrões de comportamento impostos às mulheres daquela época. A masturbação era então apontada como a causa de várias doenças e o orgasmo muitas vezes definido como uma doença em si mesmo. Ao descobrirem que o clitóris é uma zona particularmente sensível do corpo da mulher, os médicos criaram no Ocidente a clitoridectomia, além de outras operações mutiladoras do corpo feminino”.

A resposta da revista *Capricho* é favorável à questão da leitora, afirmando a existência desse tipo de cirurgia chamada “clitoridectomia” ou “amputação do clitóris”. A cirurgia tem “resultados satisfatórios”; logo, se tal procedimento é considerado “satisfatório”, pressupõe-se a existência de padrões para o que é aceitável ou não, e a necessidade de estar em conformidade com eles. É possível notar aí, no discurso da revista *Capricho*, a emergência de um discurso que considera desviante o clitóris que tenha “crescimento exagerado”.

As materialidades linguísticas da revista permitem identificar sentidos ligados a práticas que se inserem no domínio da *anomalía*. O modo como se organiza o discurso possibilita compreender o crescimento “exagerado” do clitóris como evidência de forma sexual desviante dos padrões aceitáveis em sociedade. Esse acontecimento permite compreender, ainda, ecos de uma memória discursiva ligada ao sujeito “hermafrodita” cuja anatomia é desviante dos padrões corporais e que, por isso, é considerado “monstro” (FOUCAULT, 2002, p. 89).

Já nas sequências discursivas em (03), o *Mulherio* aponta para as práticas de disciplinarização e normalização do corpo – “ela [operação] foi *inventada* pelos médicos, no século passado, para ‘curar’ as manifestações da sexualidade feminina [...]” –, situando-se em posição antagônica à *Capricho*. Efeitos de sentido de oposição podem ser compreendidos também pela mobilização de dizeres anteriores, ou seja, pela atualização de uma memória discursiva relacionada aos saberes médicos sobre a “manifestação da sexualidade feminina desviante” no século passado, que contribuíram para a disseminação de “rígidos padrões de comportamento impostos às mulheres”.

Além disso, o discurso produzido pelo jornal constitui a prática cirúrgica para curar uma anomalia sexual como “invenção”. Os sentidos dessa materialidade – invenção, criação, produto – estão diretamente relacionados às práticas de objetivação do sujeito, que visam a moldar-lhe, dar-lhe uma dada forma entre outras, atribuir-lhe uma aparência.

Esses padrões circulam descontinuamente através da história, pois podemos verificar a produção desses dizeres dispersos em distintas épocas. No contexto da década de 1980, os saberes que são atualizados na resposta do *Mulherio* são aqueles que constituíram, anteriormente, a masturbação como causa de doenças e o orgasmo como a própria doença. A atualização desses sentidos nas sequências discursivas (03) faz, ainda, menção a um acontecimento discursivo: a descoberta de que o “clitóris é uma zona particularmente sensível do corpo da mulher”. Consideramos acontecimento discursivo, pois modificou uma série de práticas anteriores ditas conservadoras e instaurou um novo regime de enunciabilidade, segundo o qual também é permitido à mulher o acesso ao prazer. Logo, esse enunciado marca linguisticamente uma posição enunciativa oposta àquela que legitima a normatividade médica sobre o órgão sexual. Em contraponto à noção de clitóris como fonte de moléstias e anormalidades, o *Mulherio* o constitui como fonte de prazer para as mulheres.

Se nos discursos produzidos pela revista *Capricho* as “sexualidades desviantes” eram interditas e corrigidas, nos do jornal *Mulherio*, vemos a modificação nos modos de organização e circulação desses saberes. Nas regras dessa ordem discursiva, o discurso da sexualidade só podia circular, antes, a partir de lugares institucionalizados e autorizados a corrigir seus desvios como a medicina, por exemplo. Sendo assim, a emergência de dizeres que se opõem às normas e ao desvio corporal, em um jornal feminista, permite

compreender os discursos do *Mulherio* como pontos de resistência ao exercício de práticas disciplinares e normalizadoras.

Podemos interpretar ainda os efeitos de sentido resultantes das mudanças históricas no que concerne à sexualidade da mulher. Ao analisar as sequências discursivas (04), podemos verificar um movimento de transformação no domínio dessa memória discursiva:

- (04) Quando as mulheres começaram a discutir sobre seu corpo a partir de suas próprias experiências, e não mais guiadas pelos manuais médico-ginecológicos, a redescoberta do clitóris como fonte de prazer foi uma conquista importante. Outra foi a aprendizagem de que o clitóris é parte da anatomia feminina e pode variar em tamanho de mulher para mulher – como varia o volume dos seios ou a largura dos quadris. Assim, o que se costuma chamar de “crescimento exagerado” do clitóris pode ser simplesmente uma tentativa de reduzir todas as mulheres a um mesmo padrão de conformação corporal.

Comparadas às sequências em (02), em que as “sexualidades desviantes” eram constituídas via interdição e correção, nestas sequências discursivas vemos um princípio de transformação nos modos de organização e circulação desses saberes. As posições enunciativas divergentes e as mudanças históricas materializam novas regras de formação dos discursos naquele período. Segundo tais regras tornou-se possível para as mulheres “discutir sobre seu corpo a partir de suas próprias experiências”, desvinculando-se da medicina, dos “manuais médico-ginecológicos” e promovendo resistências por meio da “redescoberta do clitóris como fonte de prazer”.

A mudança de regras nesse sistema de enunciabilidade, contudo, não implica uma transformação total, capaz de apagar ou silenciar os saberes relacionados à interdição e à normalização. O que ocorre é uma relação de coexistência entre discursos mais tradicionais e aqueles que são ligados à possibilidade de prazer para as mulheres, ou seja, ambos os discursos habitam essa interdiscursividade. Apesar disso, compreendemos que a emergência de discursos de “liberação sexual” junto àqueles “tradicionais” contribuem para um efeito de embate e refutação e, por conseguinte, para a constituição de resistências locais nesses jogos de poder.

Outro saber que é materializado nessas sequências vincula-se à possibilidade de anatomias distintas entre as mulheres. Ainda que a norma padronize uma determinada anatomia para o clitóris, emerge nesse período o discurso que defende a diversidade de formas e volumes do órgão. Como exemplo temos o enunciado “o que se costuma chamar de ‘*crescimento exagerado*’ do clitóris pode ser simplesmente uma *tentativa de reduzir* todas as mulheres a um mesmo *padrão de conformação corporal*”, que materializa claramente o sistema de disciplina-normalização tão difundido na sociedade. Esse conjunto de enunciados produzidos neste lugar (na imprensa feminista), na década de 1980, reforça a produção de efeitos de sentido que instauram pontos de resistência locais, proliferando saberes que “disciplinam” e “normatizam” o corpo (FOUCAULT, 2002, p. 299).

A partir dessas análises, concluímos que os discursos produzidos a partir do lugar ocupado pela revista *Capricho* – uma revista de grande circulação e de tom mais “conservador” – têm como regra de formação uma série de práticas anteriores que reforçam a necessidade de correção e disciplina do corpo “anormal”. Em contrapartida, no lugar a partir do qual enuncia o jornal *Mulherio* – imprensa de pequena circulação e de tom feminista – os discursos têm possibilidade de emergir na forma de resistências locais que, por menor que sejam, evidenciam a “vontade de saber” a sexualidade como condição e efeito do poder e do controle sobre o próprio corpo.

Considerações finais

Neste trabalho, descrever como o *Mulherio* se posicionou enunciativamente em relação à revista *Capricho* foi relevante para compreendermos modos de discursivização da sexualidade feminina nos anos 1980. Foi relevante, sobretudo, para identificarmos o tom da voz assumida por esse jornal naquela época: uma voz não tão suave⁷ quanto à da grande mídia, por exemplo, pois imprimiu oposição forte e ativa nas materialidades linguísticas aqui analisadas. Ao opor-se às normalizações materializadas no discurso da revista *Capricho*, o jornal deu a ver regras históricas que regulam a forma e os usos do órgão sexual feminino, ou seja, que o objetivam e o categorizam como “normal” ou “anormal”.

Pensando no papel da memória discursiva e do interdiscurso na formulação dos enunciados, podemos dizer que, de lá para cá, a distribuição dessas formas de objetivar o órgão sexual feminino modificou-se de certa maneira. Isso implica pensar que, na contemporaneidade, um veículo midiático como a revista *Capricho* não tem mais condições de produzir discursos que normalizam o tamanho do sexo das mulheres. As regras discursivas atuais, no que tange à sexualidade, ligam-se muito mais às dicas de bom desempenho sexual e ao esclarecimento de especificidades do sexo para as jovens mulheres. Isto é, a revista *Capricho*, na atualidade, produz enunciados que explicam e detalham determinadas maneiras de assumir-se como sujeito de sua própria sexualidade: produzem subjetividades distintas daquelas no início de 1980.

Como vimos aqui, naquela época, a subjetivação de uma sexualidade livre e a resistência a discursos conservadores teve possibilidade de emergência num jornal feminista e não numa revista feminina de grande circulação. Dentre inúmeras vozes dispersas na história, podemos dizer que a do *Mulherio* teve papel importante nessa ordem discursiva, pois foi possível falar de direito das mulheres ao prazer justamente em função da condição feminista. Em suma, para poder refutar o padrão normal era necessário falar a partir desse lugar específico, ou seja, do lugar do *feminismo* e da *minoría*, visto que na grande mídia as possibilidades de discurso seguiam uma regulação rígida do corpo e uma espécie de cartilha de educação sexual.

É interessante notar, também, que o discurso do “seja como você é” emerge no *Mulherio* pelo menos vinte anos antes de tornar-se prática de subjetivação comumente adotada por algumas revistas especializadas no público feminino.⁸ Assim, concluímos que o *Mulherio* materializa sentidos históricos da sexualidade feminina, demonstrando que o corpo da mulher acompanha os movimentos da história, da cultura e da política no país.

⁷ A relação entre “suave” e “não tão suave”, marcada no título e, agora, na conclusão, pode ser compreendida se observarmos os processos históricos de constituição do sujeito. Esses distintos “tons” de voz se justificam pela mudança de postura desse grupo de mulheres feministas. Antes inscritas em um conjunto de regras rígidas, essas mulheres, na função sujeito, organizaram seus dizeres em pontos dispersos de resistência, que culminaram em transformações nos modos de assumir-se como sujeito de sua sexualidade e de seu próprio corpo.

⁸ Como exemplo podemos citar as revistas *TPM* e *Gloss*, cujos conteúdos privilegiam a diversidade e a quebra de tabus como estratégia de identificação entre um público de mulheres que se subjetivam como livres e independentes.

Por fim, confirmamos a hipótese inicialmente lançada, uma vez que verificamos que a posição enunciativa assumida pelo jornal (pequena mídia impressa feminista) permite identificar um sistema de enunciabilidade bastante distinto daquele da grande mídia. A posição-sujeito do *Mulherio* faz aparecer relações de poder dispersas, materializadas em jogos de imagens e enunciados, que *atualizam, repetem e refutam* sentidos ligados ao corpo e à sexualidade femininos no interior de uma dada memória discursiva. Os enunciados são habitados por uma série de formulações outras, por traços de uma memória coletiva – a normalização e disciplinarização do corpo da mulher – que possibilitam e condicionam dizeres de resistência, refutação e transformação em relação a enunciados anteriores.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – coração do dizer. Tradução de Leci Borges Babisan. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.
- CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.
- _____. Em contraponto, “Capricho” e “Mulherio”. *Mulherio*, São Paulo, v. 1, p. 14, 1981.
- COSTA, A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Labrys Estudos Feministas*, Brasília, jan./jul. 2005. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>>. Acesso em: 31 out. 2013.
- COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, EDUFSCar, 2009. 250 p.
- FERNANDES, C. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. *Laboratório de estudos discursivos*, Uberlândia, ano 2, n. 1, p. 1-19, 2011.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012 [1969]. 254 p.
- _____. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 479 p.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura F. A. Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 74 p.
- _____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.) *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.
- GARCIA, M. R. V. As revistas para adolescentes. In: _____. *Virgindade e iniciação sexual entre as adolescentes brasileiras*. São Paulo: Arte & Ciências, 2004. Cap. 6, p. 133-138.
- GONZAGA, J. A. *A suave voz do sexo: as mutações no discurso da sexualidade no jornal Mulherio (1981-1988)*. 2014. 206 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Discurso) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo da ESPM*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.
- LEITE, R. S. C. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da Imprensa Feminista Brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234-241, jan./jun. 2003.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PINTO, C. R. J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p.